

Ofício de astrônomo

Via [La Joven Cuba](#)

Leonardo Romero Negrín, um estudante de física da Universidade de Havana, foi preso durante as manifestações de 30 de abril em Obispo por carregar uma placa dizendo “Socialismo sim, repressão não”. Nos acontecimentos de 11 de julho, ele foi preso novamente por ser um espectador que perguntou à polícia porque estavam reprimindo brutalmente seu amigo e estudante Marcos Antonio Pérez Fernández, um menor. Ele está atualmente na prisão e pouco se sabe sobre sua situação.

Leo pode ter suas costelas quebradas, mas não a revolução. Leo pode ser espancado com um pau nas pernas, mas não será menos pacifista, nem deixará de pensar em um país onde todos nós trabalhamos em um pomar e os idosos não vivem sozinhos e as crianças não sejam decepcionadas. Leo pode ser colocado no calabouço mais escuro, na cela mais sombria, mas ele não deixará de ser “o físico”, “o mágico Leo das crianças”, o mestre Leo que faz os saquinhos de chá levitarem.

Hoje na prisão, depois de ter sido maltratado por um oficial, depois de não poder vê-lo ou ouvir falar dele, vi um adolescente numa torre que guardava o pátio da prisão. Gritei-lhe de fora que se ele visse Leonardo Romero Negrín, o físico, lhe dissesse que sua mãe e eu estávamos lá e que ele iria sair.

Pensei nas histórias que Leo me contou sobre como foi importante em sua vida passar seu serviço militar em uma prisão. Sobre o quanto ele aprendeu naqueles intermináveis guardas pescando cavalos com cenouras e pensando “na noite que olha para a noite”, sendo a parte mais consciente do crepúsculo, pensando em um país melhor.

No serviço militar Leo foi livre, ele me confessou isso mil vezes. Livre para pensar em tudo nos momentos em que nós

humanos somos mais criativos, aqueles momentos em que o tédio de não planejar ou decidir nos arrasta para baixo. Ele sempre disse que esta sociedade acelerada, povoada por interações e tecnologia, não nos permite olhar para as estrelas e que foi somente desta forma que os humanos descobriram os mistérios de sua existência.

Como astrônomo, leitor inveterado e analógico, a cabeça de Leo deu origem aos pensamentos mais esclarecedores sobre política que eu já ouvi em minha vida. Ontem à noite descobri três livros em sua cama: um sobre Martí e a fundação do Partido Revolucionário Cubano, um sobre Filosofia Marxista e um sobre o discurso de Fidel “Palavras para os Intelectuais”.

Ontem à noite ouvi de alguém que o viu na prisão que seu espírito não foi quebrado e que por dentro ele insiste em um país socialista. “Certamente ele já criou uma escola marxista na prisão”, comentei à pessoa que me falou sobre ele, e a resposta foi: “Como você sabe disso?”

Leo não deixou de ser um comunista. Muitos se perguntam como um jovem, depois de ter sofrido tanta violência, continua acreditando que o socialismo é o caminho para Cuba, persiste em defender um projeto “com todos e para o bem de todos”. Eu nem questiono isso, entendo que agora mais do que nunca Leo entende a necessidade de uma verdadeira revolução. A história acaba de provar que Leonardo Romero Negrín tem razão.

Poucos entenderam o cartaz que ele levou naquele 30 de abril triste em Obispo. “Socialismo sim, repressão não”, foram as palavras escritas por aqueles que o privaram de sua liberdade na primeira vez. Leo disse aos manifestantes naquele dia que o socialismo é o caminho para Cuba, que a interferência estrangeira e o capitalismo são o câncer que ameaça aniquilar um povo, que o bloqueio é real e é uma violação, mas que o governo deveria rever suas ações políticas porque a repressão por razões ideológicas, sejam policiais ou simbólicas, não é a saída.

Leo se colocou no meio dos dois lados para que esta batalha de ódio fosse travada em seu próprio território e não prejudicasse mais seus irmãos e irmãs. Leo alertou este governo enquanto continuava a apostar no Estado socialista e eles o fizeram pagar, e não o ouviram.

Hoje, seu slogan é um espelho no qual Cuba deve se olhar para atar as feridas do ódio. Cuba também deve curar as feridas do território que foi invadido em 30 de abril, um território que foi novamente aprisionado. Um jovem corpo sofrendo por um país apodrece em uma prisão e nós saímos para trabalhar esta manhã, sem pensar que a cada minuto que passa estamos também sitiados pelo ódio e pela pressão de escolher lados.

Continuarei a lutar para abraçar Leonardo Romero Negrín, todos seus amigos o farão, todos os seres que sua alma tocou. Eu sei que ele sabe disso e sorri. Leo não está sofrendo. Sua mãe está bem e sua pátria também estará.